

Jornalismo em Quadrinhos: Características da Produção Especializada na Seção HQ de Fato¹

Maria Gabriela Ribeiro SANTANA²

Yara MEDEIROS³

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, MA

RESUMO

As possibilidades narrativas de não ficção em quadrinhos usadas no jornalismo apresentam-se como uma saída criativa para contar histórias complexas de modo acessível. No Brasil, o Jornalismo em Quadrinhos (JHQ) apresenta uma cena de produção que começa a se especializar. No cenário, a revista Badaró e o selo HQ de Fato marcam o surgimento de publicações pioneiras especializadas no formato. Neste trabalho, apontamos por meio da análise temática características narrativas de Histórias em Quadrinhos (HQ) da seção HQ de Fato, da revista O Grito!, debatendo os demarcadores da técnica jornalística e de formatos híbridos de potencial inovador.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo visual. Criatividade. Revista O Grito!. Ilustração. Não ficção.

PRA COMEÇO DE HISTÓRIA

Embora o Jornalismo em Quadrinhos (JHQ) apresente elementos que demarcam as técnicas de apuração do repórter, como a menção frequente do repórter na cena entrevistando pessoas, as narrativas dessa linguagem também são marcadas por características da crônica, do documentário, da ficção, resultando em narrativas híbridas capazes de ofertar ao jornalismo possibilidades criativas no campo dos quadrinhos.

O JHQ é um formato de histórias de não ficção baseadas em técnicas de apuração da reportagem. A principal diferença das abordagens ficcionais é que o JHQ busca retratar a exatidão do fato. Joe Sacco (2016), precursor do formato, salienta que faz perguntas relacionadas às impressões visuais e busca referências da memória para reconstituir a cena a partir da realidade vivenciada pelas fontes.

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, linguagens e quadrinhos, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

²Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz, email: maria_gsr@discente.ufma.br

³ Professora Doutora do Curso de Jornalismo da UFMA-Imperatriz, email: yara.medeiros@ufma.br.

Reflexões em torno da área apontam para uma distinção entre os quadrinhos não ficcionais e o Jornalismo em Quadrinhos. O primeiro é o lugar no qual o segundo se insere. Dentre os quadrinhos não ficcionais há uma infinidade de formatos dispostos a serem reinventados. Biografias, relatórios, didáticos, manuais de instrução, manifestos e outros formatos são identificados neste campo (Dutra e Debom, 2021).

O JHQ está entre eles e já apresenta uma produção com características próprias. Dutra e Debom (2021) verificaram nas práticas e formatos já instituídos de texto jornalístico ou nas seções estabelecidas de jornais e revistas, a ocorrência de seus equivalentes em quadrinhos. O levantamento apresentou 14 tipos de narrativas que variam em torno da mídia (tradicional, exclusiva e não jornalística), modo de contar a história (reportagem, crônica, entrevista, reconstituição, ilustração sequencial), periodicidade (coluna, matéria coordenada, séries). Um exemplo do quanto podem ser diversificadas e criativas as histórias reais narradas visualmente pelos quadrinhos.

A liberdade criativa do formato frente aos cânones da objetividade jornalística, podem levar a questionamentos sobre a validade como relato jornalístico. A produção criativa dos ilustradores, recriando uma visão particular pelo traço, poderia dar argumentos a esta ideia. Neto e Schneider (2019) apontam como o senso de realismo é presente nas relações da imprensa com a ilustração. O JHQ utiliza soluções visuais para dar a impressão de objetividade, tais como “a representação fidedigna dos espaços e eventos, através de um alto nível de detalhamento, manutenção de proporções ou uso de convenções de representação realista do espaço” (Neto e Schneider, 2019, p. 23-24).

O formato ganhou fôlego nos anos 2000 na mídia impressa tradicional. “Foi, porém, uma explosão controlada, pois na grande maioria dos casos eram experimentações únicas ou quase únicas” (Dutra e Debom, 2021, p. 17). As influências de Sacco desaguaram no Brasil através de nomes como Alexandre de Maio (“Meninas em jogo”), Helô D’Angelo (“Quatro Marias”) e Carol Ito (“Três Mulheres da Craco”). Apesar do mínimo espaço na mídia tradicional impressa, o JHQ se firma nos modos independentes de produções, principalmente na internet. A Revista Fórum e a Agência Pública exploram o formato do jornalismo atrelado aos quadrinhos desde janeiro de 2012 e maio de 2014, respectivamente, com temáticas de cunho político, social, cultural e ambiental. As iniciativas trazem uma nova ótica e firmam a percepção de que os quadrinhos vão além do gênero humorístico e do campo infantil (Sversuti, 2018).

As mídias de jornalismo independente se apresentam como mais afeitas às experimentações e acolheram o formato promovendo a produção que começa a se especializar com a criação de espaços exclusivos e periódicos de produção de Jornalismo em Quadrinhos. Desprendido da mídia convencional, o jornalismo independente é feito sem amarras econômicas advindas de grupos empresariais, assim como editoriais autônomos (Reis, 2017), priorizando a ética e a pluralidade de vozes.

A revista Badaró é a primeira publicação brasileira exclusivamente voltada ao Jornalismo em Quadrinhos e aos textos ilustrados, criada em 2019. A revista O Grito!, incentiva a produção no campo desde 2022, quando criou a seção HQ de Fato⁴, integralmente dedicada ao JHQ, visando explorar este formato com pautas pertinentes quanto à relevância social e à comoção da narrativa sequencial obtida através de HQs. O selo conta com publicações de reportagens investigativas, entrevistas e matérias aprofundadas. Os criadores da revista Badaró em seu “Manifesto”, espécie de carta da política editorial, salientam que não acreditam em jornalismo imparcial. “A pretensa neutralidade, dentro de um cenário em que há disparidade de forças, é um posicionamento favorável ao opressor.”⁵

Diante dessas construções visuais diversas, busca-se neste trabalho, apontar características de JHQ produzido em espaços especializados da produção nacional. O recorte da observação sistemática são os trabalhos publicados em 2023 na seção HQ de Fato. São apresentados aspectos que demarcam a narrativa jornalística e as hibridizações com elementos literários, didáticos e artísticos.

UM OLHAR SISTEMÁTICO PARA AS CENAS ILUSTRADAS

As pesquisas bibliográfica, documental e a análise temática (Braun e Clarke, 2006) foram os métodos utilizados para observação das HQs. A análise temática, segundo Braun e Clarke (2006), passa pela familiarização com os dados, geração de códigos iniciais, busca por temas, revisão e definição dos temas para a produção de um relatório da análise. Neste caso, as setes HQs publicadas em 2023, foram observadas sistematicamente e foram destacados códigos baseados em marcadores narrativos do

⁴ <https://revistaogrito.com/hq-de-fato/>

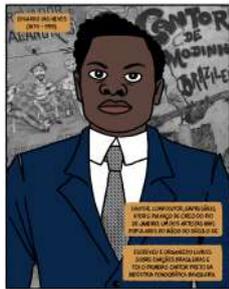
⁵Disponível em <https://www.revistabadaro.com.br/2019/09/11/o-manifesto/>. Acesso em 26/03/2024.

jornalismo e a presença de elementos textuais e visuais didáticos e artísticos buscando reflexões sobre as formas criativas do JHQ em um espaço especializado.

Inicialmente, foram encontrados dois grupos de representações narrativas como códigos demarcadores das sete HQs da amostra. Aqueles com elementos explícitos do campo jornalístico, que buscam representar o universo da reportagem e apuração da informação objetiva, e aqueles que trazem elementos comuns nas narrativas ficcionais com elementos lúdicos e visões pessoais. Nas tabelas a seguir são destacados os códigos observados e apresentadas as discussões temáticas:

Tabela 1 - Discussão dos códigos demarcadores do campo jornalístico

Mídia: Seção HQ de Fato	
<p>Códigos: imagem do repórter em cena, falas do personagem respondendo a entrevista, uso de aspas, aparecimento de ferramentas de apuração, demarcação de uso de fontes e elementos didáticos.</p>	
	<p>“O Novo Sempre Vem”, de Carol Ito, conteúdo de estreia, aborda o legado e o impacto cultural de Belchior, falecido em 2017. A reportagem traz Vannick Belchior, filha caçula do artista, que atua no mundo da música. Carol Ito traz elementos tradicionais do jornalismo, como sua figura presente na narrativa atrelada à ferramenta de apuração, além de intercalar falas da entrevistada e deixar explícito que as informações foram apuradas via uma entrevista on-line. Link: https://revistaogrito.com/o-novo-sempre-vem/</p>
	<p>“Brega funk: corre que gera”, de Kalor Pacheco e Rogi Silva, aborda a forma em que o movimento cultural nascido nas periferias da Grande Recife impacta a sociedade apesar dos rótulos de preconceito. O uso das aspas é recorrente, tanto para dar voz às personagens que não aparecem quanto às que aparecem nas ilustrações. Percebe-se o emprego da narração dentro e fora de quadros dando sequência ao relato. Link: https://revistaogrito.com/brega-funk-corre-que-gera/</p>
	<p>“Marisqueiras”, de Pablito Aguiar, o litoral baiano, tomado por poluição da indústria, é o cenário principal da luta de mulheres quilombolas para ter seus sustentos e modos de vida em meio às indústrias. O repórter atua como observador, dando total destaque às falas diretas das personagens, além de seguir o caminho tradicional de início, meio e fim de uma reportagem. É como um narrador visual onisciente. Apresenta a história graficamente como se estivesse observando com uma câmera. Link: https://revistaogrito.com/marisqueiras/</p>



Em “Diamante Negro”, de GG Albuquerque e Marília Marz, Eduardo das Neves, artista e primeiro cantor da indústria fonográfica brasileira, é o protagonista desta HQ. O conteúdo explana a ausência de seu reconhecimento na sociedade. A reportagem em quadrinhos é trazida com a estrutura de um perfil didático sobre o artista e são incorporadas às imagens recortes de jornal, elementos que evidenciam a pesquisa e a busca pela informação apurada. Mas não há a representação de um repórter em cena. Link: <https://revistaogrito.com/diamante-negro-marilia-marz-gg-albuquerque/>



“Kit Drogas: Redução de Danos na Mira da Extrema Direita”, de Carol Ito: primeiro conteúdo da série de reportagens em quadrinhos “Quer que eu desenhe?” que visa o combate à desinformação na arte, cultura e sociedade. Ito traz sua própria figura na narrativa, a reportagem usa um fato para explorar didaticamente o tema dos trabalhos realizados por grupos da redução de danos das drogas. A desinformação sobre o tema leva a equívocos como a apreensão dos materiais de trabalho. As ilustrações apresentam conversas que retratam a repórter e as fontes. Link: <https://revistaogrito.com/hq-de-fato-kit-drogas-carol-ito/>

Tabela 2 - Discussão dos códigos demarcadores do campo ficcional

Mídia: Seção HQ de Fato

Códigos: uso de alegoria, criação de personagem, narrador onisciente e observação pessoal.



“Luto é um lugar que não se vê”, de Gabriela Güllich, expõe a relação entre pessoa e luto com base na figura dos cemitérios. Güllich recorre a estrutura da crônica ao focar na visão pessoal apresentando cortes do “passeio pelo cemitério”, levando o leitor a transitar entre as imagens e ser provocado a pensar nesse lugar de luto. Não traz a fonte de modo explícito, opta em apresentar de modo discreto, nomes e cargo com o recurso de asteriscos. Link: <https://revistaogrito.com/luto-e-um-lugar-que-nao-se-ve/>



“Neosacerdotisas: revolução íntima e o renascimento feminino”, Julia Moa e Bennê Oliveira, aborda a figura de sacerdotisas brasileiras que auxiliam outras mulheres na lucidez de si mesmas. Aqui a objetividade e a licença poética compartilham o mesmo caminho, trazendo o repórter através da figura de uma personagem felina como narradora de histórias de mulheres que buscam o autoconhecimento, concebendo resiliência e autoconfiança para o fluir de uma narrativa didática. Link: <https://revistaogrito.com/hq-de-fato-neosacerdotisas/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui apresentamos breves apontamentos sobre o potencial criativo e didático do JHQ, campo que está sendo explorado em pesquisa em curso com o objetivo de construir levantamento teórico e catalográfico sobre a produção brasileira no intuito de estimular a criação especializada.

O JHQ produzido no espaço especializado representa a expressão de uma comunidade de ilustradores jornalistas que se organizaram para apresentar material mais frequente. Este formato é reconhecido, mas no campo das artes do que propriamente no jornalismo. No cenário, os coletivos independentes têm apostado no formato e apresentado narrativas diversas que conservam o estilo inaugurado por Joe Sacco com vários demarcadores da técnica jornalística e também narrativas que usam alegorias, personagens inventados e formas poéticas de apresentar informações com fontes dialogando com as técnicas ficcionais. No jornalismo, este tipo de licença artística nem sempre foi aceita. O Jornalismo em Quadrinhos traz movimento ao cenário da inovação e pode se projetar como uma ampla área de especialização que merece olhares atentos no Brasil.

REFERÊNCIAS

BRAUN, V.; CLARK, V. **Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research***, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006 *apud* BARBOSA, M. A. S.; SILVA, M. R. da; NUNES, M. S. C. **Pesquisa qualitativa no campo Estudos Organizacionais: explorando a Análise Temática. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO**, 41., 2017, São Paulo. Anais eletrônicos [...] São Paulo: AnPAD, 2017.

DUTRA, Antônio Aristides Corrêa e DEBOM, Paulo. Anotações para uma cartografia dos quadrinhos não ficcionais e do jornalismo em quadrinhos. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.8, 2021.

NETO, José Sampaio de Medeiros Neto; SCHNEIDER, Greice. O Estilo gráfico no jornalismo em quadrinhos. **9ª Arte**. São Paulo, vol. 8, n. 1, 1º Semestre/2019.

REIS, Mariana. **Comunicar, resistir**: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil. *Voices e Diálogos*. Itajaí, v. 16, n. 01, jan./jun. 2017.

SACCO, Joe. **Reportagens**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2016.

SVERSUTI, Leilane Cristina. **Jornalismo em Quadrinhos: a história que conta a história**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Bahia, Brasil, 2018.